

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta Dissertação será disponibilizado somente a partir de 09/08/2023.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
UNESP - Faculdade de Ciências e Letras - FCLAr
Campus de Araraquara – SP**

Nadia Aline Baltazar

**QUE ARTE É ESSA?
COMPREENSÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO AMBIENTE ESCOLAR**

ARARAQUARA – SP
2021

Nadia Aline Baltazar

QUE ARTE É ESSA?
COMPREENSÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Araraquara – UNESP-FCLAr, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientador: Prof. Dr. Dênis Domeneghetti Badia

ARARAQUARA – SP
2021

B197q	Baltazar, Nadia Aline QUE ARTE É ESSA? : Compreensões acerca da experiência estética no ambiente escolar / Nadia Aline Baltazar. -- Araraquara, 2021 95 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara Orientador: Dênis Domeneghetti Badia 1. experiência estética. 2. complexidade. 3. ensino de arte. 4. cultura escolar. I. Título.
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Nadia Aline Baltazar

**QUE ARTE É ESSA?
COMPREENSÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO AMBIENTE ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Araraquara – UNESP-FCLAr, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Linha de pesquisa: Estudos históricos, filosóficos e antropológicos sobre escola e cultura.

Orientador: Prof. Dr. Dênis Domeneghetti Badia

Data da defesa: 09/08/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia
Universidade Estadual Paulista – UNESP – FCLAr

Membro Titular: Profa. Dra. Paula Ramos de Oliveira
Universidade Estadual Paulista – UNESP – FCLAr.

Membro Titular: Profa. Dra. Lígia de Almeida Durante Correa dos Reis
Secretaria Municipal de Educação de São Carlos – SP

Suplente: Profa. Dra. Carolina Cunha Seidel
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus de Avaré

Suplente: Profa. Dra. Ediléia Pereira dos Santos
Secretaria Municipal de Educação de Araraquara – SP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos professores que tenho como referência

Aos meus alunos

AGRADECIMENTOS

Ao professor Dênis Domeneghetti Badia – professor, orientador e pessoa – pela inspiração ao conhecimento, livros emprestados e, sobretudo, pela sensibilidade ao lidar com minhas fragilidades, lágrimas e risos;

À professora Paula Ramos de Oliveira, pela acolhida no ambiente acadêmico e reflexões inspiradoras;

À professora Lígia de Almeida Durante Correa dos Reis, pelas valiosas contribuições durante a qualificação;

Às professoras Carolina Cunha Seidel e Ediléia Pereira dos Santos, pela disponibilidade em participar da banca de defesa;

Aos educadores da rede pública municipal de Batatais que colaboraram com esta pesquisa;

Ao Victor Hugo Junqueira, secretário de educação do município de Batatais, e à Márcia Bonfá, que foram extremamente solícitos em disponibilizar informações referentes à rede pública municipal de educação;

À Isinha, Fabiana, Ana Catarina e Luci, pela flexibilidade e compreensão;

Ao Marcos, professor e amigo, uma de minhas referências humana na escola e no viver;

À minha mãe, que mesmo sem saber muito bem em que consiste minhas escolhas acadêmicas, sempre acredita no meu potencial e me apoia;

Ao Mayron, que sempre confiou nas escolhas que fiz para mim, e para nós, enquanto compartilhamos nossas vidas um com o outro;

À Janaína e à Evelyn, por me acolherem em suas casas para que eu pudesse cumprir as disciplinas do programa;

Aos amigos, que respeitam meu estar e contribuem com minhas teorias aleatórias sobre o viver neste mundo, vivendo-o comigo, perto ou longe;

À luz espiritual que encontrei neste mundo, seja Deus ou Deuses, porque eu creio.

E pela lei natural dos encontros

Eu deixo e recebo um tanto

E passo aos olhos nus

Ou vestidos de lunetas

Passado, presente

Participo sendo o mistério do planeta

Novos Baianos, 1972

RESUMO

O presente trabalho se propõe à reflexão da trajetória dos educadores da rede pública municipal de Batatais/SP e seus processos de compreensão do próprio repertório de experiências estéticas estabelecendo possíveis conexões entre as experiências de ensino ao qual tiveram acesso e suas compreensões acerca da arte no ambiente escolar. Tal reflexão se dará sob as perspectivas dos contextos que contemplam a permanência do educador na educação básica enquanto aluno (educador-aluno), perpassando pela formação no ensino superior (educador em formação) e suas vivências profissionais (educador-profissional) e pessoais no que se referem às suas aproximações com a arte e das políticas educacionais que tratam do assunto de acordo com as referências experienciais trazidas pelos educadores que colaboraram com esta pesquisa. Para tanto, nos apropriaremos teoricamente das propostas de Dewey, Morin, Gadamer e Cassirer como uma possibilidade de compreensão conceitual da experiência acerca da estética e da arte no ambiente escolar que nos permite partir das percepções e elaborações dos próprios educadores numa abordagem subjetiva e não-subjetiva de caráter não determinista.

Palavras-chave: experiência estética; complexidade; ensino de arte; cultura escolar.

ABSTRACT

The present paper proposes to reflect on the trajectory of educators in Batatais's municipal public network (São Paulo State) and their processes of understanding their own repertoire of aesthetic experiences establishing possible connections between the teaching experiences they have had access to and their understandings about art in the school environment. Such reflection will occur under the perspectives of the contexts that contemplate the permanence of the educator in basic education as a student (educator-student), passing through higher education training (educator in training) and their professional (professional-educator) and personal experiences as far as their approaches to art are concerned and under educational policies that deal with the subject according to the experiential references brought by educators who collaborated with this research. For this purpose, we will theoretically appropriate the proposals of Dewey, Morin, Gadamer and Cassirer as a possibility of conceptual understanding of the experience of aesthetics and art in the school environment that allows us to originate from the perceptions and the elaborations of the educators themselves in a subjective and non-subjective approach of non-deterministic character.

Keywords: aesthetic experience; complexity; art education; school culture.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Possíveis atividades desenvolvidas durante a educação básica

Quadro 2 – Outras atividades desenvolvidas durante a educação básica

Quadro 3 - Atividades que o aluno-educador mais gostava

Quadro 4 - Disciplinas de melhor desempenho e justificativa

Quadro 5 - Atividades de pior desempenho e justificativa

Quadro 6 - Ano de conclusão da graduação e acesso aos referenciais teóricos em arte

Quadro 7 - Acesso a práticas pedagógicas que contribuem para o ensino-aprendizagem em arte

Quadro 8 - Principais vivências em arte durante a graduação

Quadro 9 - Experiência dos coordenadores pedagógicos enquanto professores

Quadro 10 - Acesso aos referenciais teóricos no desempenho da função atual

Quadro 11 - Desenvolvimento de práticas pedagógicas

Quadro 12 - Compreensão de “experiência pessoal” em arte

Quadro 13 - Experiências pessoais em arte nos últimos três anos

Quadro 14 - Relevância das experiências pessoais em arte no desempenho da função atual

Quadro 15 - Compreensão de currículo escolar

Quadro 16 - Relevância dos referenciais teóricos na construção do currículo

Quadro 17 - Relevância das práticas pedagógicas na construção do currículo

Quadro 18 - Relevância das vivências pessoais na construção do currículo

Quadro 19 - Contribuição na elaboração das Diretrizes Curriculares

Quadro 20 - Experiências enquanto estudante em relação a percepção e/ou concepção de arte

Quadro 21 - Relevância da troca de informações com colegas de profissão na concepção e/ou percepção de arte

Quadro 22 - Relevância dos veículos de comunicação e informação na concepção e/ou percepção de arte

Quadro 23 - Principal contribuição para percepção e/ou concepção de arte

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CES	Câmara de Ensino Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
CP	Conselho Pleno
DCEB	Diretrizes Curriculares da Educação Básica
EF I	Ensino Fundamental I
EF II	Ensino Fundamental II
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PEB I	Professor de Educação Básica I
PEB II	Professor de Educação Básica II
PME	Plano Municipal de Educação
SME	Secretaria Municipal de Educação
STF	Supremo Tribunal Federal
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
FAEB	Federação de Arte Educadores do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. QUE ARTE É ESTA?	15
1.1 A complexidade acerca da estética	15
1.2 Compreensão simbólica da experiência	18
1.2.1 Especificidades da compreensão em arte	21
1.3 Arte no ambiente escolar: por que estamos aqui?	22
2. COMPREENSÕES ACERCA DA ARTE NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL EM BATATAIS	30
2.1 Estrutura da rede e a necessidade da arte	30
2.1.1 Estruturação da coleta de dados junto aos educadores	33
2.2 Compreensões sob a perspectiva do “educador-aluno” na educação básica	34
2.3 Compreensões sob a perspectiva do educador em formação	45
2.4 Compreensões sob a perspectiva do “educador profissional”	51
2.5 Educador, que arte é essa?	69
3. QUEM É ESSE EDUCADOR?	78
REFERÊNCIAS	80

APÊNDICE A – Período entre o ingresso na escola como estudante e conclusão do ensino básico

ANEXO A – Perguntas do formulário online

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a discutir percepções e compreensões acerca da arte e das experiências estéticas, sobretudo no ambiente escolar. O despertar de interesse pela temática das experiências em arte e cultura escolar deu-se quando eu ainda era estudante no ensino médio, a partir do momento em que tive a oportunidade de conhecer um professor da disciplina de arte que nos proporcionava atividades que exigiam de nós uma reflexão no fazer a qual eu jamais imaginaria que seria possível vivenciar naquela disciplina. Até então, desde o ano que ingressei na escola como estudante pela primeira vez – no ano de 1995, na educação infantil – todo contato que já havia tido com a arte no ambiente escolar se restringia a pintura de desenhos prontos e desenho livre – sobretudo nos anos iniciais do ensino fundamental – e à memorização de nomes de artistas tidos como “importantes” e seus respectivos períodos artísticos, além de uma prática muito comum chamada de “releitura” – que confesso que particularmente não entendia muito bem o nome pois associava diretamente a textos escritos com palavras – que consistia na cópia fiel de reproduções de obras de arte dos tais artistas “importantes” e não na elaboração do que eu podia ler em uma imagem. Coloco aqui a palavra *importante* grafada entre aspas pois, ainda que esses nomes sejam realmente relevantes para a construção do que possamos vir a entender por arte a partir de uma abordagem histórica e até mesmo estética, naquele contexto do ensino fundamental, eram nomes muito distantes de se relacionar ao meu repertório pessoal. Ouso dizer que se tratava de algo que, se quer, desvinculava-se das tão temidas notas bimestrais de desempenho escolar: quanto mais precisos fôssemos ao memorizar, ou reproduzir, mais bem avaliados seríamos.

Essas situações me proporcionaram um olhar extremamente rígido e elitista em relação à arte, sobretudo a partir da quinta série do ensino fundamental¹: a meu ver, tratava-se de algo próprio de pessoas “elegantes e muito inteligentes” – ainda que eu não soubesse, e talvez não saiba até hoje, exatamente o que isso significa. É possível que tal visão por mim concebida encontre suas razões no fato de que no meu grupo social primeiro – no caso, a minha família – eu nunca havia tido contato com quaisquer daquelas informações, talvez eu tivesse a percepção de que as pessoas ricas da novela ou dos filmes iam ao teatro – à ópera, principalmente – ou tinham em suas casas cenário alguma obra de arte visual que a escola mostrava, o que não acontecia com as demais disciplinas onde eu conseguia relacionar minimamente alguma experiência fora do ambiente escolar. Não me recordo de ter tido informação de nenhuma obra

¹ À época, no início do ano 2000 e final do ano 2003, ainda não havia sido implementado o ensino fundamental de nove anos e a nomenclatura era dada por “série” em vez de “ano escolar”.

de arte antes de conhecer o “Abaporu”², na quarta série: aquela obra era de uma artista “famosa e importante” e talvez eu tenha me sentido privilegiada com esse contato, tanto que ainda está nas minhas memórias. De alguma forma eu sabia que aquela informação me diferenciava das pessoas mais próximas de mim.

Durante os anos de 2001 e 2004 eu tive a oportunidade de frequentar aulas de desenho artístico e pintura à óleo. Me recordo bem que queria “pintar quadros” e não me importava muito com as técnicas, apenas queria pintar! No entanto, o curso exigia conhecimento da técnica e para que eu pudesse “pintar como uma artista” eu deveria aprendê-las. O curso era essencialmente voltado ao realismo e, quanto mais real parecesse o desenho, mais bonito e elogiado ele era. A minha primeira tela à óleo foi uma natureza morta e eu poderia escolher entre uma “releitura” ou uma “criação” e fizemos uma releitura. As uvas não puderam ser pintadas de amarelo como eu queria, pois, “uvas amarelas não existem” e uma releitura realista tem lá suas regras. Foi um pouco frustrante e eu passei a procurar reproduzir imagens que pudessem me agradar um pouco mais. A professora do curso dizia que meu estilo era “expressionista”, mas a escola já havia me mostrado algo sobre “modernismo” e eu queria ser modernista!

Ao ingressar no primeiro ano do ensino médio – no ano de 2004 – fui surpreendida com uma aula de arte em que a proposta era que cada um dos alunos ali presentes pudesse contribuir com um objeto, colocando-o a frente da sala de modo que pudéssemos construir um “amontoado” de coisas. Não havia regras quanto a escolha do objeto ou sua disposição na pilha de coisas que estávamos construindo, porém, o professor foi enfático ao exigir que cada um de nós soubéssemos exatamente o porquê da escolha do objeto selecionado e o que nos motivava a colocá-lo justamente naquele lugar e não em outro. Essa foi a primeira vez que tive oportunidade de poder refletir e discutir a respeito do processo de criação de algo que, naquela situação, juntamente com o professor, chamamos de arte. Embora eu ainda não concebesse tal acontecimento como uma possibilidade de uma experiência estética, essa situação e tantas outras que se seguiram a partir daquela aula – como apenas observar, escolher uma música e apresentar ao grupo ou falar sobre fotos de família – fizeram com que fosse quase impossível o contato com alguma expressão artística sem que houvesse algum questionamento a respeito do “porquê” de cada elemento que formalmente se apresentava em qualquer obra. Algo aconteceu e não poderia mais ser ignorado... Não era uma informação que chegou a mim através da audição, da visão ou qualquer outra fonte sensorial, tampouco era algo que estava nos livros e

² Tarsila do Amaral, 1928, óleo sobre tela.

deveria ser memorizado ou estava na novela da TV. Era uma situação que exigia que de alguma forma eu precisasse saber sobre mim mesma para compreender o que estava acontecendo. Possivelmente nem todos os alunos tiveram a mesma percepção que eu tive, porém, acredito que nenhum deles possa negar que aquelas aulas de arte eram diferentes das muitas outras que havíamos experienciado ao longo dos anos dentro da escola.

Desde então, me apeguei a algumas questões – a princípio pessoais e que posteriormente foram compartilhadas no âmbito profissional –: “por que eu nunca tinha tido uma aula de arte daquele jeito?” e, ainda, “o que aquele professor tinha que os outros não tinham?”. Foi justamente essas questões que me motivaram na escolha da licenciatura em arte no momento de ingresso no ensino superior.

A graduação me permitiu acesso a muitas informações e situações que me possibilitavam compreensões da minha própria trajetória enquanto estudante e a respeito de onde eu queria chegar profissionalmente. A pluralidade de percepções e compreensões dos meus colegas de graduação despertaram em mim ainda mais interesse sobre as construções das identidades. Conseguir desvendar os mistérios da arte no ambiente escolar, as formas de ensino, as percepções que a comunidade escolar tem sobre o assunto e o que é a “tal da estética” eram situações muito presentes e que permanecem vivas até hoje.

Poder estar na rede pública municipal desde o ano de 2012, em que arte foi inserida nos anos iniciais do ensino fundamental pela primeira vez através do professor licenciado na área, me colocou em situações de confronto com diversas percepções e construções existentes acerca da arte na escola. Nos primeiros anos era recorrente que em algumas situações de mau comportamento em outras aulas o aluno fosse privado de estar na aula de arte e pude perceber que essas construções eram fruto de um longo processo histórico ao qual todos fizemos parte e que foram naturalizadas na minha percepção enquanto era aluna da educação básica. Talvez o maior desafio dos professores que iniciaram naquele ano tenha sido o de encarar um ambiente “engessado”, que até então tinha apenas o professor pedagogo e sua percepção polivalente da arte dentro do currículo. Nesse sentido, é possível perceber como algumas construções permanecem sólidas e se arrastam por muitos anos no ambiente escolar, ainda que as políticas educacionais se empenhem em desconstruções e reconstruções.

Coloco aqui minhas impressões pois é a partir dessas contextualizações que buscaremos algumas compreensões sobre as trajetórias dos educadores contemplados nesta pesquisa. Sendo assim, este trabalho se propõe a um exercício estético de identificação das trajetórias dos educadores da rede pública municipal da cidade de Batatais para que possamos compreender alguns diálogos entre suas experiências e a forma como concebem a arte no

ambiente escolar. Para tanto, nos apropriaremos teoricamente das propostas de Dewey (2010), Morin (2001; 2007), Gadamer (1999; 2010) e Cassirer (2001) como uma possibilidade de compreensão dos contextos colocados pelos educadores que colaboraram com esta pesquisa.

Partiremos da contextualização do educador enquanto aluno da educação básica (*educador-aluno*), suas memórias acerca da arte no ambiente escolar e as possíveis experiências sob a perspectiva da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 5.692/71. Abordaremos também suas experiências no ensino superior (*educador em formação*) e a percepção do próprio repertório que o constitui e irá orientar seu trabalho de educador. Esta primeira abordagem se dá sob a perspectiva das experiências de um educador que carrega consigo todas as experiências que a educação lhe proporcionou enquanto estudante, seja no ensino básico ou no superior. O próximo momento de discussão acontece sob a perspectiva do educador no exercício de sua profissão (*educador-profissional*) e as concepções construídas enquanto aluno no ambiente de ensino – básico e superior – trazidas para a profissão, além de outras possíveis compreensões acerca da arte. A expressão “arte no ambiente escolar” é pertinente à tentativa de contemplar diversas situações que se relacionam num sistema que transita por percepções que não se reduzem ao “ensino de arte”, mas abrange construções que perpassam por ele.

É oportuno que possamos considerar que, embora estejamos tratando do educador em sua trajetória no ambiente escolar, esta não se faz isoladamente dos ambientes externos a esse meio: o educador é também uma alguém fora da escola e suas colocações não estão dissociadas desses ambientes, tampouco das experiências que eles proporcionam.

Enfatizo que não se trata de uma avaliação do trabalho dos educadores ou do sistema de ensino da rede municipal, mas de uma possibilidade – não determinista – de compreensões acerca da arte no ambiente escolar. Trata-se de *compreensões* pois requer disponibilidade das mais diversas percepções e elaborações de um contexto experiencial, possuindo caráter plural por permitir possibilidades, mas também um caráter identitário por ser construído de modo *subjetivo e não-subjetivo*.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino de arte: anos 80 e novos tempos**. 6º ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. Ensino de arte no Brasil: aspectos históricos e metodológicos. In: COUTINHO, R. G.; JUNIOR, K. S.; SCHÜLZEN, T. M. (Org). **Coleção temas de formação: Artes**. Unesp – Núcleo de Educação à Distância. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p.53-109. Disponível em:

<<http://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/179768>>. Acesso em 22 jan 2021.

BATATAIS. Secretaria Municipal de Educação. **Plano Municipal de Educação**. Batatais, 2015.

_____. Secretaria Municipal de Educação. **Regimento Comum das Escolas Municipais de Educação Básica de Batatais**. Batatais, 2015.

_____. Secretaria Municipal de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Batatais, 2019.

BRASIL. **Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 12 ago 1971. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5692.htm>. Acesso em: 22 jan 2021.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23 dez, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm#art92>. Acesso em: 22 jan 2021.

_____. **Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16 jul 2008.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111738.htm>. Acesso em: 22 jan 2021.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 22 jan 2021.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais – arte**.

Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/artes.pdf>>. Acesso em: 18 jan 2021.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem**: introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE**.

Portal de estatísticas do estado de São Paulo. <https://www.seade.gov.br/>

GADAMER, H.G. **Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Hermenêutica da obra de arte**. Seleção e tradução de Marco Antonio Casanova.

São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

KOSUTH, J. **One and Three Chairs**. 1965. Fotografia. Acervo virtual The Museum of Modern Art (MoMA). Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/81435>>.

Acesso em: 04 jun 2021.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. 2º ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Música e dá outras providências. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 8 DE MARÇO DE 2004. Conselho Nacional de Educação, Câmara da Educação Superior, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0204musica.pdf>>. Acesso em: 18 jan 2021.

_____. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Dança e dá outras providências. RESOLUÇÃO Nº 3 DE 8 DE MARÇO DE 2004. Conselho Nacional de Educação, Câmara da Educação Superior, 2004. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0304danca.pdf>>. Acesso em: 18 jan 2021.

_____. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Teatro e dá outras providências. RESOLUÇÃO Nº 4 DE 8 DE MARÇO DE 2004. Conselho Nacional de Educação, Câmara da Educação Superior, 2004. Disponível em: <

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/ces0404teatro.pdf>>. Acesso em: 18 jan 2021.

_____. Altera a alínea “b” do inciso IV do artigo 3º da Resolução CNE/CEB nº 2/98, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. RESOLUÇÃO CNE/CEB nº 1, de 31 de janeiro de 2006. Conselho Nacional de Educação, Câmara da Educação Básica, 2006a. Disponível em: <

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb001_06.pdf>. Acesso em: 18 jan 2021.

_____. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006. Conselho Nacional de Educação, Câmara da Educação Básica, 2006b. Disponível em: <

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 18 jan 2021.

_____. Aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras providências. RESOLUÇÃO Nº 1, DE 16 DE JANEIRO DE 2009. Conselho Nacional de Educação, Câmara da Educação Superior, 2009. Disponível em: <

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf>. Acesso em: 18 jan 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. O artigo 7º da lei 5.692/71 no ensino de 2º grau. Brasília: MEC, 1978. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002444.pdf>>. Acesso em: 20 fev 2021.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

_____. **Ciência com consciência.** Tradução de Maria Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Ed. revista e modificada pelo autor. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SEADE. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. Perfil dos Municípios Paulistas. Disponível em: <<https://perfil.seade.gov.br/>>. Acesso em: 30 jun 2021

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BATATAIS. **Avaliação do 4º ano do PME**. Batatais, 2019. Disponível em: <<https://educacao.batatais.sp.gov.br/wp-content/uploads/PLANO-MUNICIPAL-DE-EDUCACAO-AVALIACAO-4o-ANO.pdf>>. Acesso em: 30 jun 2021.